

DIA
DOS
MORTOS



ADRIANA SALERNO

DIA DOS MORTOS

CRÔNICAS E CONTOS

1ª EDIÇÃO
SÃO PAULO





Algumas pessoas entendem essa sensação, parece fácil, talvez seja também um ato de prazer: a escrita; mas o que não fica claro para todos é a dificuldade do processo. As noites passadas em claro, as noites passadas com frio, a dor de garganta consequente. Todas as vezes em que se transborda em lágrimas, o amor, a raiva. Não me contive, não coube, tentei colocar tudo em palavras.



Todo presente verdadeiro é recíproco. Deus de quem recebemos o mundo, recebe de suas criaturas o mundo. Que é uma dedicatória, que é esta página? Não é um dom dessa coisa entre as coisas, um livro, nem dos caracteres que o compõe; é de algum modo mágico, o dom do inacessível tempo em que se escreveu e, o que indubitavelmente não é menos íntimo, do amanhã e do hoje. Só podemos dar o amor, do qual todas as outras coisas são símbolos. Elsa, o livro é teu. Para que agregar vãs e laboriosas palavras ao que ambos sentimos?

Jorge Luis Borges

Sumário

- 11 Vela verde de eucalipto
- 15 Dia dos Mortos
- 19 Considerações sobre Janaína
- 25 Amizades etílicas
- 31 Não sou amiga da Lenise Pinheiros
- 33 Mendigo
- 37 Metrô
- 39 Estreias Teatrais
- 41 Futurologia ou Os Casais
- 45 Café em copo americano
- 47 Domingueira
- 51 Aconteceu no verão
- 55 Esgotar a paisagem
- 57 Pensamentos sinistros
- 61 Sensação de voltar à infância
- 65 O Amor e o Coentro
- 67 A metafísica dos objetos
- 69 Metrôpoles
- 71 Autoconfinamento
- 75 Incertamente
- 77 Doroteia
- 79 Vinte e poucos anos
- 83 Mascote
- 85 Colagens sobre o Brasil em crise
- 89 Definições da realidade
- 91 Não acredite no final feliz dos filmes
- 97 Flagrantes de vida no DIA DOS MORTOS [Jr. Bellé | posfácio]

Vela verde de eucalipto

Fazia tempo, mas a depressão foi longa, forte, com medicamentos. Talvez aqueles remédios todos fossem como querer morrer um pouco. Ficou frio, era como sentir o coração sem vida. Cansaço. Precisava de algo, sem saber como sair da situação, evidentemente.

Casara-se com o Ernesto. Talvez fosse pedir demais, um pouco de privacidade, sentei-me ali meio distante, mas é só por alguns minutos. Ele vem puxando a cadeira ao lado. Mudo de lugar, a cena se repete. E se repete de novo. Assim era o Ernesto, a pessoa que divide o teto com Carla.

A desordem dos lugares por onde perambulo. Sinto constrangimento perto deles, como se fossem corretos demais.

– Nunca vou me casar com ela, a gente nunca vai se casar. Quem disse que eu quero saber disso? Muitos casais são felizes sem se casar formalmente. Contudo, dito desta forma, sou agressivo. A sensação é que a parte masculina do casal desmerecia sua companheira de morada, do dia a dia.

O tempo parece suspenso assim. Entre os copos de plástico, mesas de plástico, bancos de plástico, amigos de antigamente, encenações, insinuações, caras e bocas, um pouco de veneno.

Veneno guardado, provocações, a tal, a esposa, era uma moça sonhadora, pouco dada a discutir qualquer assunto. Bonita, linda aliás, mas não era esposa, prefiro chamar desse jeito por consideração. Conservava um aspecto jovem, rugas displicentes, acrescidos de um irritante ar servil e os artesanatos coloridos que sempre usou. A festa seguia em frente, entre conversas e situações um tanto ridículas.

– Não sei como consegue viver naquela cidade horrorosa, suja, violenta. Já nem lembro mais, nem sei como pude morar lá, agradeço todos os dias pela vida calma e perfeita que nós levamos no interior. Espaço. Saúde. Qualidade de vida.

– Eu gosto da minha vida na capital. Quando me afasto, sinto falta daquelas pessoas loucas.

– Um dia você cansa, Corona. Responderam todos os convidados em uníssono, como se participassem de um coral gospel.

A azia se misturava com a fritura das coxinhas, o guaraná, a cerveja, o óleo grudando nos dedos, enxugados na barra da calça jeans. Tudo bem que não quisesse romper completamente com aquelas amigadas, mas me ressentia do fato de não ser tratada com respeito. Ao contrário, escuto piadas antigas.

Pensava no barulho dos carros, na sujeira das ruas, o cheiro dos mendigos que dormem ao relento, nas buzinas das seis da tarde, as luzes das janelas dos prédios. E essa daí? A amiga que se distancia, com esse colarzinho hippie até hoje, por favor. Dez anos com o mesmo colar.

– Nesta data querida...

Alguém puxou lá do outro lado.

Parece que vai acabar rápido, o meu tormento social.

Havia uns enfeites, quase qualquer coisa feita de papel colorido, um aniversário afinal, trinta anos de vida. Notei um arranjo com fotos, presas num arame sobre as mesas, tão singelas, em preto e branco. Pouca gente apareceu por lá. Foi uma comemoração intimista, apesar do meu surto antissocial. O

problema foi justamente a coincidência de estarem na mesma festa o vestuto e individualista casal. Se fosse por mim, acenderíamos uma vela verde de eucalipto. Para limpar o ar denso de intrigas e substituir as tradicionais velas do bolo.

Foi tranquilo voltar para casa depois. Olhei talvez por uma hora inteira a tevê apagada, ao imaginar essas figuras. Seus defeitos, seus interesses. Já não é tão estranho que minha capacidade de tolerar tenha sido sempre tão curta quando se tratava do Ernesto.

Alguns anos depois, soube, separaram-se de verdade, quer dizer, terminaram o longo namoro. Acredito que era possível sentir entre o casal o enferrujado debaixo da panela, a poeira nos veios da louça, uma alça frouxa talvez, o botão que faltava na camisa, aquela almofada rasgada, o lençol gasto com bolinhas de tanto lavar, plantas ressecadas nos vasos. Nessas coisas todas havia um pouco da Carla. Ela era o problema, o desgaste, a situação ordinária e pressentiu isso nas palavras enviesadas que recebia.

Ele decidiu depois de muito refletir, voltar a morar com um velho e conhecido amigo. O amigo que sempre acompanhava a rotina do casal. Quase todos dizem por aí, quem os conhece, que é uma tentativa de assumir a homossexualidade, a verdadeira paixão, o amigo de sempre, de antes, tanto tempo. Inseparáveis, em todos estes anos sempre desejavam e se movimentavam para morar perto um do outro.

Quem é esse amigo do casal? Prefiro não comentar, mas aos olhos de Ernesto, parecia tão mais inteligente que Carla, mais bem-humorado que Carla, mais preparado. Forte. Sensível.

Ela hoje mora na Itália. Desistiu do interior e seus encantos singelos, foi estudar moda, fotografia, soube que um empresário se interessou por seus cliques. Divide o pequeno apartamento em que vive com uma garota sueca. Matou um poodle a pauladas, dia desses, num ataque de fúria. Talvez, fosse preciso mesmo tantos anos para perceber o absurdo daquela situação.

Dia dos Mortos

Várias baratas mortas ao chão, não existe espaço para pisar sem esmagar alguma que ainda esteja se debatendo. Mostra bem o que acontece com o ser humano depois da morte, larvas, percevejos, insetos nojentos vão devorar cada centímetro de pele. Mostra mais ainda: que o mundo é dos vivos e a Prefeitura só resolveu desinsetizar o lugar por causa do feriado do dia dos mortos. Vai ter missa aqui no cemitério. Não seria nada agradável se uma barata voadora pousasse na batinha do padre, bem na hora da consagração da hóstia.

“Depois de tudo que a gente viveu, não dá mais para ficar doente, sem lembrar”. Disse, enquanto saíam de lá. Lembrou-se do hospital. Todas aquelas pessoas agonizantes gemendo no escuro. Deviam estar sentindo muita dor. Sensação terrível de catástrofe, a expressão desfalecida e azulada dos entubados, aquele barulho pavoroso dos aparelhos. Médico, só aparecia uma vez por semana. Doença horrível. A vida demora a acabar quando a pessoa está sofrendo. Então, todos observam e involuntariamente torcem agoniados: morre logo infeliz.

“É. Não dá mesmo”. Respondi na defensiva.

Vontade de chorar. Nó na garganta. Mas nada disso vai

adiantar, acreditar em deus não vai conseguir mudar coisas reais. Pessoas morrem, não voltam mais, não se manifestam, não estão olhando por nós de lugar nenhum.

Mais ali adiante, jaz um menino, onze anos, cemitério antigo, fizeram uma cova menor, falecera em 1945. Aquele quadrado desproporcional com relação aos outros, padronizados, só deixava mais clara a crueldade da situação. Uma criança, um retângulo com trinta centímetros a menos. Pobrezinho, do que teria morrido?

Ainda perto estava enterrada uma garota, adolescente, fora assassinada pelo pai. As pessoas comentavam. Dezesesseis anos, dá tristeza só de olhar. Dizem que ela chegou mais tarde em casa, o pai, político renomado, que havia sido jurado de morte, atirou sem olhar. Traz flores para menina, semana após semana. Um túmulo em festa, sempre enfeitado, em qualquer estação do ano.

De todos os túmulos daquele velho cemitério o mais bonito é o da cigana Salomé. Viveu no século passado. Não importa a ocasião, está sempre coberto de velas coloridas, colares, batons, incenso, pedaços de tecido brilhante, pulseiras e mandingas. Talvez ela pudesse levantar-se à noite para usufruir seus presentes. Virou uma entidade, depois de morta. Será que era bonita? Não tem nenhuma foto no epitáfio. Parei um momento imaginando se era mesmo cigana, ou era puta.

“Plaft!”. Um estampido. “Quase morri de susto!”

Era o coveiro carregando um balde de lata. Ele ri da expressão de horror. “Assustou?”, pergunta o senhor humilde e gasto, de uns 50 anos, vestindo macacão cáqui, tem jeito de honesto. Respondo baixinho, “Achei que era Madalena a se levantar dos mortos”.

Os pensamentos pareciam querer fugir. Uma andorinha dava pulos entre as pedras. Belas estátuas de bronze. Folhas secas. Na outra extremidade havia a sepultura do Doutor Silveira, completamente coberta de velas. A parafina de anos e anos

formava uma crosta nas laterais enegrecidas do túmulo de 1969. Dá para imaginar a quantidade de pessoas que passam por aqui, seus pedidos pela saúde de algum parente, amigo, marido. Uma sepultura com poderes de cura? Nas cidades do interior sempre existe um extenso folclore de superstições antigas, de lendas sobre o além-vida. Na lápide, escrita em um português mais erudito, mostram-se agradecimentos por “sua contribuição como médico, como cidadão e ao seu caráter exemplar”.

E se os mortos pudessem de fato conversar, na sua privacidade, longe dos vivos? O silêncio que circula essas sepulturas é tão denso que quase se pode escutar algum sussurro entre eles. Seria o médico pedindo que a cigana não dançasse, afinal, estavam em companhia dos vivos?

Era preciso voltar. Existem livros interessantes à espera, em algum lugar, existe um refúgio qualquer, eu pensava. Na saída, um cheiro de flor, terra molhada, na rua em frente, a vida seguia. Ao atravessar o jardim florido, muito cuidado. “Notou como as plantas crescem fácil por aqui?”, perguntaram-me e por resposta consegui apenas uma vaga afirmação com cabeça. Olhar o céu azul com aquela expressão de sempre. Devia cair alguma coisa sobre nossas cabeças, pensava.

Na manhã seguinte, qualquer coisa alegre parecia irritante. Seguiam-se as ocupações normais, somente a perplexidade deixava que as horas corressem mais mudas que de costume. Numa ressaca reflexiva, intoxicada de comoção.